

«VAI, PEQUENO LIVRO, E ESCOLHE  
O TEU MUNDO...». O TEMPO DA  
ESTÓRIA E O TEMPO DA HISTÓRIA  
NOS PREFÁCIOS AOS „AMANTES  
E OUTROS CONTOS” DE DAVID  
MOURÃO-FERREIRA E AOS „GRÃO-  
CAPITÃES” DE JORGE DE SENA

Os dois volumes de contos de que me proponho falar, *Os Grão-Capitães* de Jorge de Sena (edição de 1989) e *Os Amantes e Outros Contos* de David Mourão-Ferreira (edição de 1996) têm em comum muito mais do que se possa adivinhar à primeira, e descuidada, leitura. No plano estilístico, os dois livros parecem situar-se em pólos opostos: enquanto David Mourão-Ferreira explora os recursos da poética do sonho, Jorge de Sena, nos *Grão-Capitães*, apresenta uma rigorosa poética de vigília, acentuando o seu apego à realidade, ao concreto, ao localizável no tempo e no espaço.

No entanto, as obras, tão diferentes no estilo, revelam-se muito próximas quanto à ideologia que nelas encontra a sua expressão. Ambos os volumes de contos derivam da ideologia antimilitarista dos anos '60, resumível num «Faites l'amour, ne faites pas la guerre» que cada um dos autores ilustra à sua maneira.

As duas *sequências de contos* isto ainda têm em comum que são precedidas por *sequências de prefácios* que cresceram à volta dos universos intra-textuais na medida em que o tempo extra-textual foi passando e ao ritmo das vicissitudes editoriais que condicionavam a materialização dos livros.

*Os Amantes e Outros Contos* são precedidos por um extenso *Prefácio do Autor* que consta de duas partes: *Para o «dossier» deste livro* e *Adenda ao «dossier»*. Enquanto os contos datam de 1966, o acto da escrita dos prefácios realizou-se em três momentos: Outubro de 1981 para a parte principal do «dossier», Outubro de 1988 para uma revisão deste na ocasião da 4ª edição da obra, Março de 1995 para a *Adenda*.

Jorge de Sena escreveu os nove contos que formam o volume dos *Grão-Capitães* durante a sua estadia no «Brasil livre», para onde emigrara, fugindo a atmosfera de opressão que reinava em Portugal nos tempos da ditadura. Os contos nasceram entre Março de 1961 e Junho de 1962. Os elementos paratextuais incluídos por Jorge de Sena neste volume são uma extensa *Dedicatória* aos amigos brasileiros, um *PS ao Prefácio que se segue*, de Maio de 1974 e um *Prefácio (1971)*, escrito em Santa Bárbara, Califórnia, em Janeiro de 1971.

Os paratextos dos *Amantes* e dos *Grão-Capitães* revelam-se lugares duma reivindicação da História, espaços onde a ficção pretende estabelecer laços com a realidade, com a época, com tudo o que se associa à escrita por causa duma *contemporaneidade* entre os acontecimentos e o processo de criação. A ficção pretende funcionar como um discurso paralelo ao acontecer histórico. Falando duma dupla articulação do texto literário, enquanto espaço autónomo e espaço de comunicação, Manuel Frias Martins (1983 : 34–35) observa que

a obra, ao criar o seu próprio código *parece* ultrapassar os limites epistémicos da sua norma contextual e pairar ahistoricamente no fechamento que entretanto realiza. Porém, a sua materialidade linguística e conceptual - a sua realidade signica, em suma - impele-a para uma abertura inevitável em relação ao contexto total dos fenómenos sociais, pois só assim ela pode organizar, homeostaticamente, o seu próprio equilíbrio interno (...).

O conto, a história ficcional (ou, como dizem alguns, a *estória*) é, por sua natureza, um discurso retardado, transmitido através da materialidade da escrita. A situação comunicativa duma obra literária é muito complexa, e esta complexidade exclui a imediatez de EGO, TU, HIC e NUNC da comunicação quotidiana. O acto de comunicação literária é descontínuo: o espaço e o tempo dividem-se em momento e lugar de criação-escrita e momento e lugar de recepção-leitura. Por isso, se a *estória* pretende avançar a par e passo com a História, tem que recorrer ao artifício paratextual: envolver-se de prefácios, adendas aos prefácios, PS às adendas aos prefácios, notas aos PS às adendas, e assim *ad infinitum*.

Ambos os escritores portugueses recorrem a este artifício paratextual. Uma tal ligação, um tal ultrapassar dos limites do discurso literário é tentado pelos dois contistas através dum estabelecimento explícito duma associação entre a história da obra literária e a História de Portugal.

Jorge de Sena confessa ter escrito os seus contos sem ter esperança de que possam encontrar leitores («Ao assim escrevê-los, sabia que eles eram impublicáveis em Portugal», Sena 1989: 13). A seguir, o autor traça as vicissitudes de uma publicação que se torna ora mais, ora menos possível na medida em que evolui a situação política em Portugal:

Desde pelo menos 1968, quando me foi possível enfim voltar – só de visita – a Portugal que editores amigos, sabedores da existência destes contos, insistiam por que fosse tentada uma edição. Mas nenhum deles havia visto os textos, e nenhum estava pois ao corrente de quanto arriscava (...). Foi por essa altura, em 1971, que cheguei a redigir o prefácio que se segue. Mas, se a censura atacara um dos contos aparentemente menos agressivos, o que não sucederia com os outros? E o que não poderia suceder às minhas possibilidades de entrar em Portugal? Assim, com plena consciência de que os contos não eram publicáveis e seriam pelo menos apreendidos se o fossem, não os cheguei a remeter nunca aos editores (...). É com efeito agora o momento – que eu imaginei, com longo desespero, que não veria nunca – de lançá-los, nesta hora em que, nas alegrias e nas aflições de uma liberdade restituída, Portugal desperta de um pesadelo de quase meio século (Sena 1989: 13–14).

O autor dos *Grão-Capitães* tenta reforçar a associação entre a ficção e o real, anular a distância entre a *estória* e a *História*, atribuindo aos seus contos o valor de escrita-testemunho e de autobiografia:

Na verdade, o «papagaio verde» foi meu, e não apenas do meu narrador; fui eu quem esteve ao ponto de morrer em Penafiel; fui eu quem assistiu àquelas cenas portuenses, onde perpassa o «choro de crianças»; eu quem, testemunha omitida, participou do *streak-tease* no «Bom Pastor»; eu quem ouviu a conversa do quartel e observou os manejos descritos em «Os Irmãos»; eu quem desembarcou em Grã-Canária (Sena 1989: 17).

David Mourão-Ferreira, pelo contrário, nega a autobiografia. No seu «decálogo» de escritor, que ele inclui no *Prefácio* aos *Amantes*, os três primeiros «mandamentos»:

- 1.º – Plenos poderes à imaginação.
- 2.º – Não utilizar directamente a matéria autobiográfica.
- 3.º – Não cobiçar os casos do próximo.

referem-se à postulada cisão entre o contado e o vivido. A *estória* é concebida como uma *anti-História*. A história ficcional é elevada ao nível da História política, com a qual não só coincide, como também concorre. Há momentos em que a política vence a escrita, mas é também possível, como vamos ver, o triunfo do livro.

O autor dos *Amantes* retrata a história das suas estórias com ironia e bem estudada simplicidade:

A primeira edição de *Os Amantes* traz a data de maio de 1968; mas só foi posta à venda uns tempos depois, em plena época marcada pelo que tal mês e tal milésimo já entre nós começavam a significar.

Era também o fim do ano lectivo, a aproximação das férias, o inevitável desfazer da feira letuada; e os editores contavam com o novo fôlego do Outono para o livrinho lograr um pouco mais de atenção. Simplesmente, em Setembro, graças ao mau funcionamento de uma cadeira de lona e à «queda» que dela deu o então Presidente do Conselho, logo essas expectativas se viram goradas: a nomeação do seu sucessor, trazendo consigo outra ordem de esperanças que aliás só pouco se cumpriram, submergia por inteiro as atenções de um público pelo menos virtual, e drasticamente relegava para a sombra todas as peripécias da *res literaria*.

No entanto, como sempre *à quelque chose malheur est bon*, o livro teria, graças à estas circunstâncias, a boa fortuna de passar despercebido das instâncias censórias do Poder (Mourão-Ferreira 1996: 11).

Mas a História intervém pela segunda vez:

Mais uma vez, no entanto, certas circunstâncias exteriores – ainda que desta feita bem positivas em si mesmas – pareciam apostadas em submergir ou em mesmo afogar, logo à nascença (pois que de um segundo nascimento se tratava), este magro volume de contos. Terminada a respectiva impressão, como reza o colofon, em Abril de 1974, o livro começou justamente a ser distribuído... no dia 23 do mês em causa. Não é preciso dizer mais nada: quarenta e oito horas depois, ou nem tanto, concluía-se logo que a altura não tinha sido a mais propícia (Mourão-Ferreira 1996: 16–17).

O livro constantemente foge entre as malhas da História. A estória e a História são como que complementares: os acontecimentos de uma preenchem os períodos mortos de outra. O livro e a leitura nos tempos vazios da História.

O discurso literário já não se satisfaz com a sua dimensão a-temporal que é própria de cada obra de arte. O livro, independentemente do seu valor intrínseco, sente-se

---

<sup>1</sup> David Mourão-Ferreira refere-se, explicitemos, à doença que afasta do poder o ditador, Salazar, e à nomeação do seu sucessor, Marcelo Caetano, que despertou grande expectativa na sociedade portuguesa. As esperanças, no entanto, não se realizaram, pois Caetano limitou-se a dar continuação às grandes linhas da política salazariana.

vulnerável à passagem do tempo. O tempo corrói-o. A estória pode ser silenciada pela História.

No caso de *Os Amantes* isto felizmente não acontece. O autor compraz-se a sublinhar o triunfo da estória sobre a História, aproveitando o pretexto duma pergunta que um interlocutor lhe fez:

«– Se tivesse colocado uma epígrafe na portada deste livro, qual seria?

«– Talvez esta frase de Topfler, que li não sei onde: „Vai, pequeno livro, e escolhe o teu mundo...”

De todas as obras que até agora publiquei, talvez nenhuma outra tenha seguido o seu curso e „escolhido” o seu mundo com tão discreta segurança como este pequeno livro (Mourão-Ferreira 1996: 15).

David Mourão-Ferreira chega a sugerir que uma relação entre a história do livro e a História do mundo talvez seja outra coisa que não imaginamos:

Mas talvez estes apontamentos sobre as vicissitudes dos anteriores aparecimentos do presente livro – Maio de 68, Abril de 74 – apenas se justifiquem por uma supersticiosa perplexidade quanto ao que nos reservará o momento em que ele vai reaparecer... (Mourão-Ferreira 1996: 21).

A obra venceu, porque foi lida, porque mereceu «lúcidas e complexas exegeses» (Mourão-Ferreira 1996: 15). A actualização na leitura garante o decorrer paralelo da história da estória e da História. Por isso, o livro parece esforçar-se por funcionar no imediato. A história ficcional é, no princípio, um discurso sem resposta, um solilóquio do escritor. Mas David Mourão-Ferreira tenta negar esta característica do literário postulando e exigindo uma leitura e uma resposta ao seu discurso ficcional. *Para o «dossier» deste livro e a Adenda* constituem uma tentativa de estabelecer uma cronologia de recepção, do diálogo em torno aos *Amantes*, de enumerar os actos de leitura e de escrita alheia que eram *respostas* à palavra do autor: estudos críticos, traduções da obra, traços da sua presença no ensino universitário.

A exigência do diálogo está presente no «Dossier» de David Mourão-Ferreira através duma transcrição de fragmentos de entrevistas que o autor concedeu a diversas personagens do universo literário português. No *Prefácio (1971)* de Jorge de Sena, esta vontade de dialogar aparece duma forma muito mais camuflada, como um esboço de polémica, antecipação dum ataque crítico:

Diz-se às vezes que há muito amor do mal no evocá-lo e referi-lo. E que é disso que ele se perpetua. O mal não se perpetua senão no pretender-se que não existe, ou que, excessivo para a nossa delicadeza, há que deixá-lo num discreto limbo (Sena 1989: 20).

Na verdade, a cronologia revela-se, nestes dois casos que estudámos, uma das funções prioritárias do discurso paratextual. Aparece apresentados revestindo três aspectos:

1. Cronologia da génese, onde a obra aparece situada entre os seus precedentes e as obras posteriores do autor. Tanto David Mourão-Ferreira como Jorge de Sena focalizam os contos prefaciados enquanto elementos duma evolução estilística. *Os Amantes* diferenciam-se do anterior volume de contos, *Gaivotas em Terra*. *Os Grão-Capitães* aparecem no contexto de *Andanças do Demónio* e *Novas Andanças do Demónio*:

Desde os meados de 1961 que vinham aparecendo os contos de *Novas Andanças*, segundo a cisão que registei no prefácio a este livro: o realismo fenomenológico era «grão-capitães», e o realismo fantástico era «novas andanças», separando-se as duas linhas principais que ambas estavam representadas na primeira colectânea (Sena 1989: 15–16).

2. Dupla cronologia que associa o acontecer do livro com os acontecimentos da História.

3. Cronologia da recepção e da leitura.

A catalogação cronológica desenha a ordem de base do discurso e fornece aos dois escritores uma oportunidade de falar sobre as suas escolhas estéticas, exprimir as suas posições ideológicas e formular comentários avulsos.

O paratexto é regido pelas datas e pelo datável. Por isso, no caso dos dois escritores portugueses, pode-se considerar o paratextual como o domínio do Crono, espaço submetido à passagem do tempo que contrasta com o a-temporal, o sempre-actual dos universos de ficção.

#### BIBLIOGRAFIA

Jorge DE SENA, *Os Grão-Capitães*, Edições 70, Lisboa, 1989.

David MOURÃO-FERREIRA, *Os Amantes e Outros Contos*, Editorial Presença, Lisboa, 1996.

Manuel Frias MARTINS, « O texto como espaço de comunicação » in *Sombras e Transparências da Literatura*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1983.